

Bernard Sesboüé

Compreender a Eucaristia



Paulinas

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Sesboüé, Bernard

Compreender a eucaristia / Bernard Sesboüé ; tradução de Antonio Manzatto. –
São Paulo : Paulinas, 2024.

128 p. (Coleção Primícias)

ISBN 978-65-5808-294-1

Título original: Comprendre l'Eucharistie

1. Eucaristia - Igreja Católica 2. Teologia I. Título II. Manzatto, Antonio

24-2120

CDD 264.36

Índice para catálogo sistemático:

1. Eucaristia - Igreja Católica

Título original da obra: *Comprendre l'Eucharistie*

© Éditions Salvator, Paris, 2020, Yves Briend Éditeur S.A.

1ª edição – 2024

Direção-geral: *Ágda França*

Editores responsáveis: *Maria Goretti de Oliveira*
João Décio Passos

Tradução: *Antonio Manzatto*

Copidesque: *Mônica Elaine G. S. da Costa*

Coordenação de revisão: *Marina Mendonça*

Revisão: *Sandra Simzato*

Gerente de produção: *Felício Calegaro Neto*

Produção de arte: *Elaine Alves*

Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da Editora. Direitos reservados.



Cadastre-se e receba nossas informações
paulinas.com.br
Telemarketing e SAC: 0800-7010081

Paulinas

Rua Dona Inácia Uchoa, 62
04110-020 – São Paulo – SP (Brasil)

(11) 2125-3500

editora@paulinas.com.br

© Pia Sociedade Filhas de São Paulo – São Paulo, 2024

Sumário

Introdução.....	5
Capítulo I Eucaristia, sacramento do único sacrifício de Jesus.....	9
A Eucaristia é o sacrifício único de Jesus.....	9
A Eucaristia é o maior dos sacramentos	10
Sacrifício por seu conteúdo, sacramento por sua forma	11
A significação humana da refeição	13
Jesus, o pão de nossa comida e o vinho de nossa bebida.....	15
Capítulo II A Eucaristia, memorial sacrificial e sacramental da cruz.....	17
O memorial em nossa vida pessoal e social	18
A originalidade do memorial de Cristo	19
O memorial da primeira Páscoa.....	21
O memorial da Páscoa de Jesus.....	24
Capítulo III A presença do Cristo na Eucaristia	27
O testemunho comovente dos Padres da Igreja	28
A passagem à Idade Média.....	34
O desencontro medieval das expressões: corpo místico e corpo verdadeiro	38

A segunda Idade Média, Santo Tomás de Aquino.....	42
Os tempos modernos: da Reforma ao Concílio de Trento.....	45
A transubstanciação no Concílio de Trento	51
A renovação teológica do século XX	54
Presença física e presença sacramental.....	59
Toda presença é espiritual.....	60
Capítulo IV Eucaristia e Igreja: o sacramento do corpo.....	65
Capítulo V A liturgia da Eucaristia	71
Capítulo VI A presidência da Eucaristia	79
O testemunho da Escritura.....	79
A prática da Igreja antiga antes de Niceia: quem preside a Igreja preside também a Eucaristia.....	80
A presidência ministerial representa a presidência do Cristo	83
A forma cultural adotada é a imposição das mãos e a invocação do Espírito	84
Capítulo VII O desenvolvimento do culto eucarístico nas diferentes Igrejas	87
“Tomai e comei; tomai e bebei”	87
A adoração eucarística	89
Capítulo VIII Rumo à reconciliação ecumênica.....	93
Capítulo IX Retorno à Escritura: pequena catequese bíblica.....	101
As refeições nos Evangelhos	101
As quatro perícopes da celebração da Ceia	104
Reflexão sobre as palavras da instituição	115
A Eucaristia em Trôade (At 20,7-11)	124
Conclusões sobre os textos de Atos.....	125
Referências bibliográficas.....	127

Introdução

O mistério da Eucaristia está no coração da nossa fé. É um ponto capital na doutrina cristã e constitui o dado central de nosso culto. Ser católico não é ir à missa regularmente? Antigamente os estudantes do Curso Normal, com uma ironia benevolente, chamavam o grupo de estudantes católicos de “misseiros”, ou seja, os que “vão à missa”. É um modo de falar. A centralidade da Eucaristia também causa dificuldades. Porque, se a encarnação redentora de Jesus, reconhecido como o Cristo, Filho de Deus e Senhor, é a recapitulação de nossa fé, a Eucaristia se nos apresenta como uma recapitulação ao quadrado. É a recapitulação do nosso credo no momento mesmo em que nos voltamos ao acontecimento que funda nossa salvação.

Todo o mistério cristão está presente na Eucaristia. É importante, pois, desembaraçar os fios. Frequentemente se diz que o cristianismo é, antes de tudo, um acontecimento fundador, o de Jesus de Nazaré, morto e ressuscitado; esse acontecimento se tornou, na Igreja e por ela, uma instituição. Ora, a celebração da Eucaristia representa exatamente o momento e o lugar onde o

acontecimento pascal de Jesus se faz instituição, ainda que permanecendo acontecimento pessoal de Jesus. Como sublinhou há tempos o Pe. de Lubac, “se a Igreja faz a Eucaristia, a Eucaristia faz a Igreja”. Cada celebração eucarística tem por finalidade fazer da assembleia reunida o Corpo da Igreja, que é o Corpo de Cristo.

O objetivo deste livro é explicar essa dinâmica da Eucaristia, a fim de ajudar os cristãos que não são teólogos profissionais a melhor compreendê-la e, sobretudo, a melhor vivê-la.

Em um livro anterior¹ falei da Eucaristia seguindo a ordem da história, partindo dos testemunhos evangélicos, em particular das quatro narrativas da instituição feita por Jesus, e em seguida recolhendo os testemunhos comoventes do primeiro milênio. Em seguida foi necessário retomar os pontos-chave dos debates teológicos, primeiramente na Idade Média, com a primeira crise provocada pelo teólogo Berengário de Tours (1000-1088), depois a grande crise da Reforma, na qual a Eucaristia foi colocada no primeiro plano dos debates, e enfim a teologia moderna e contemporânea que nos permite melhor compreender os desafios do sacramento. Esse itinerário mostrou que a Eucaristia que celebramos hoje é bem fiel à sua instituição por Jesus, mas também que ela foi marcada pela aguda reflexão da Igreja em suas diferentes épocas. Tais desenvolvimentos, essencialmente positivos, também contribuíram para complicar um pouco o assunto, porque nem sempre conseguiam

¹ SESBOÛÉ, Bernard. *Invitation à croire: des sacrements crédibles et désirables*. Paris: Cerf, 2009, segundo tomo do livro *Croire: Invitation à la foi chrétienne pour les femmes et les hommes du xxie siècle*, Paris: Desclée de Brouwer, 1998, capítulo V, “L’Eucharistie, sommet des sacrements”, 1. “Institution et histoire”, e capítulo VI, “L’Eucharistie sommet des sacrements”, 2. “Mémorial, sacrifice et sacrement”, p. 113-179.

manter o conjunto de todos os aspectos inscritos nessa celebração, que é a atualização do único sacrifício do Cristo e se torna, por isso, não somente o sacrifício da Igreja, mas também um sacramento, isto é, um sinal eficaz da graça, sob uma forma litúrgica que é seu memorial. A Eucaristia é o sacramento, perpetuamente celebrado pela Igreja, do acontecimento da morte e ressurreição de Jesus; celebração que torna vivo e presente o salvador de cada um de nós. Na última Ceia, Jesus disse: “Isto é meu Corpo”, “Este é o cálice do meu sangue”. Mas como compreender isso? No primeiro anúncio do mistério, no discurso sobre o pão da vida (Jo 6), Jesus não foi compreendido pelos habitantes de Cafarnaum. Ele disse de maneira simples e crua: “Quem come minha carne e bebe meu sangue tem a vida eterna, e eu o ressuscitarei no último dia, pois minha carne é verdadeira comida e meu sangue é verdadeira bebida” (Jo 6,54-55). Depois de tê-lo escutado, muitos de seus discípulos começaram a dizer: “Dura é esta palavra. Quem pode ouvi-la?” (Jo 6,60). Ou ainda: “Como pode este nos dar a comer sua carne?” (Jo 6,52). Essa questão demanda uma compreensão materialista e imediatista da Eucaristia. Claro que Jesus, estando vivo, não pode dar sua carne para comer sem que isso seja uma prática monstruosa, um delito de direito comum, caindo imediatamente sob as barras da justiça. Por que, então, continuar a escutá-lo? A questão dos habitantes de Cafarnaum é bastante equivocada e não corresponde à intenção de Jesus. Mas tal questão não é a mesma nossa de hoje? Seriamente, como Jesus pode nos dar seu corpo para comer e seu sangue para beber? Só pode ser por meio espiritual. Aquelas pessoas da narrativa evangélica haviam acabado de testemunhar a multiplicação dos pães. Tal sinal, que ultrapassa as possibilidades humanas, mas que

é bem visível, não lhes deu nenhuma pista. Não nos assustemos, pois, que a verdadeira resposta seja complexa e não possa ser dada senão na fé.

É a essa verdadeira questão que este livro gostaria de trazer uma resposta. Uma resposta, ao mesmo tempo, fiel às insistentes palavras de Jesus, afirmando dar seu corpo como comida e seu sangue como bebida, e com a seriedade com a qual a Igreja sempre as tomou, recusando-se a vê-las como uma simples metáfora ou um sinal que permaneceria exterior ao seu conteúdo.

Enfim, terminaremos evocando e estudando os grandes textos do Novo Testamento sobre a Eucaristia, a fim de verificar se nossas explicações estão em linha direta com sua instituição por Jesus. É necessário sempre voltar à Escritura, “alma da teologia”, segundo as palavras do Vaticano II, para nos apoiar, na nossa vida de fé, sobre os textos fundadores.

CAPÍTULO I

Eucaristia, sacramento do único sacrifício de Jesus

A Eucaristia é, a uma só vez, sacrifício e sacramento. Eis, para começo de conversa, dois termos religiosos e teológicos, carregados de história, e que precisam de um pouco de explicação, sem dúvida. O que é um sacrifício?

A Eucaristia é o sacrifício único de Jesus

O único sacrifício de Jesus, que orientou toda sua vida e aconteceu no ato de dar sua vida morrendo na cruz, é o sacrifício que ultrapassa todos aqueles da antiga Lei. É único porque só se morre uma vez e esse sacrifício recapitula tudo o que foi a vida desse homem enviado por Deus, o santo por excelência, que não tinha necessidade de reparação pelos próprios pecados. Por esse único sacrifício, Jesus mostra que ama seu Pai muito mais do que podem tê-lo desagradado todos os pecados da humanidade. A palavra

“sacrifício” é percebida por nós, espontaneamente, de maneira negativa, sinônimo de privação e de sofrimento, enquanto a grande definição de sacrifício dada por Santo Agostinho diz simplesmente: “O verdadeiro sacrifício é toda boa obra que contribui para nos unir a Deus em uma santa união, a saber, toda obra orientada a esse bem supremo, graças ao qual podemos verdadeiramente ser felizes”. A definição de Santo Agostinho não menciona o elemento negativo cujo aspecto é secundário: vem de nosso estado pecador, pelo qual o dom de si tem sempre uma característica onerosa. O sacrifício é, pois, um ato de dom de si, que é um ato de amor a Deus e ao próximo. Quando tal ato é total e definitivo, ele nos faz passar a Deus. A morte do Cristo foi sua Páscoa e sua passagem para a vida gloriosa em Deus. A isso somos convidados como para morrer em Cristo, unidos a seu único sacrifício.

A Eucaristia é o maior dos sacramentos

A palavra “sacramento” é de origem cristã. O termo *sacramentum* tornou-se em Tertuliano a tradução da palavra grega *mysterion*, que designava também os sacramentos. Tertuliano fez a transposição de um termo do direito romano. O *sacramentum* era o juramento sagrado que acompanhava um compromisso jurídico efetivo, ou o compromisso militar no qual o soldado fazia o seu juramento diante do imperador. Ele recebia nessa ocasião uma tatuagem que lhe servia de marca de identidade. Essa imagem será retomada a propósito do Batismo, que é o engajamento na milícia de Cristo e imprime caráter na alma. Esse caráter será afirmado por toda a patrística latina, em particular por Santo Agostinho,

que vai lhe dar três sentidos que se comunicam mutuamente: em primeiro lugar, sacramento é todo rito religioso celebrado visivelmente. Depois, ele é o sacramento-símbolo, quer dizer que, por sua realização material entre pessoas que estão de acordo sobre o sentido daquilo que fazem, o beneficiário do sacramento vive algo importante que tem relação com sua identidade e com o sentido de sua existência. O terceiro sentido é o do sacramento-mistério: o Cristo é mistério ou sacramento pleno de Deus. Mas Agostinho ignora ainda o setenário, que será estabelecido apenas na Idade Média. Ele chama de sacramentos vários ritos da Igreja que não serão reconhecidos como tal.

Sacrifício por seu conteúdo, sacramento por sua forma

Permanece a questão da articulação entre os dois termos. Não são duas coisas distintas ou teoricamente separáveis. A Eucaristia não é por um lado ou em parte sacramento e por outro sacrifício. Ela é inteiramente sacrifício e inteiramente sacramento, mas sob dois modos diferentes. Ela é sacrifício em sua realidade mais profunda, porque ela é o ato pelo qual o padre ou o bispo obedece às palavras de Jesus e repete visivelmente em seu nome, isto é, em sua pessoa, o dom pelo qual Jesus partilhou o pão e o vinho com seus discípulos, e lhes disse: “Tomai, comei; isto é meu corpo”. [...] “Bebai todos dele, pois isto é o sangue de minha aliança, que é derramado por muitos para o perdão dos pecados” (Mt 26,26-28). Lucas precisa que esse corpo “é dado por vós” (Lc 22,19). Esse gesto foi feito durante a última refeição entre Jesus e seus discípulos,

que é uma refeição-testamento, na qual ele afirma o sentido de sua morte acontecida para a salvação de todos os que creem nele. “O pão que lhes dou para comer é o que será entregue por vocês amanhã na cruz, em remissão dos pecados da multidão, isto é, de todas as pessoas. O mesmo para o sangue que será derramado sobre essa mesma cruz.”

Há uma semelhança simbólica entre esses dois dons, repetidos de formas diferentes, começando na partilha da refeição e depois na morte de cruz. Jesus estabelece uma ligação de identidade entre o pão e vinho partilhados e o corpo partido e o sangue derramado. A instituição da Ceia e a crucificação de Jesus encadeiam-se em uma sequência única de narração. Jesus, partilhando o pão e o vinho, se compromete nisso a ir até o fim em sua paixão. Ele encontra, ao mesmo tempo, um modo de partilhar os benefícios de sua morte e a promessa de sua ressurreição com todos os seus discípulos, mesmo Judas. Jesus coloca o ponto final em sua vida, realizada no amor do Pai e no serviço a seus irmãos, nesse dom de sua pessoa, simbolizado pelo pão e pelo vinho, dom que será realizado na cruz.

O Evangelho de João explicita o assunto contando outro gesto de Jesus, o do lava-pés, no qual Jesus lhes realiza o serviço do escravo, ao mesmo tempo em que lhes dá o mandamento de fazer o mesmo que ele realizou. Em ambos os casos ele diz: “Fazei isto em minha memória” (Lc 22,19) e “Compreendeis o que vos fiz? Vós me chamais de mestre e Senhor, e dizeis bem, pois eu o sou. Se eu, Senhor e mestre, vos lavei os pés, também vós deveis lavar os pés uns dos outros. Eu vos dei um exemplo para que, como eu vos fiz, também vós façais” (Jo 13,12-15).

Ora, João não narra a instituição da Eucaristia, mas seu Evangelho é tão explícito quanto possível sobre a intenção de Jesus de dar seu corpo como comida e seu sangue como bebida. E ele o fez em uma linguagem tão crua que seus ouvintes acreditavam em uma alimentação material de sua carne viva. Mas ele dá a maior solenidade ao gesto do lava-pés, resumo simbólico do serviço fraterno e mútuo, que os discípulos devem realizar entre si. Essa cena se coloca em situação de “homologia”, isto é, de correspondência e de analogia com a instituição da Eucaristia nos sinóticos. Ela exprime a maneira pela qual Jesus é capaz de “ir até o fim” por seus discípulos. Podemos participar do mistério da morte e ressurreição de Jesus partilhando a Eucaristia, como também devemos servir nossos irmãos em todas as coisas.

A significação humana da refeição

A Eucaristia é o dom que Jesus, mestre da refeição, nos fez de seu corpo e de seu sangue para nos dar a vida. Mas qual ligação, digamos, existe entre a partilha de uma refeição e sua morte? Essa ligação é muito mais forte do que se pode pensar à primeira vista. Porque comer e beber são absolutamente necessários para nossa vida. A alimentação e a bebida são uma questão de vida ou morte. Para atender a isso, somos obrigados a trabalhar, o que governa todo o equilíbrio de nossa vida. Alimentar-se é um ato eminentemente social, cujo modelo é a refeição em família. Comer sozinho, apenas por necessidade, quando não se pode fazer diferente. Alimentamo-nos sempre em grupo, seja em família, na escola, no trabalho ou em férias, seja quando queremos celebrar uma festa.

A partilha é um elemento essencial da refeição, da mesma forma que o alimento é essencial para a manutenção da vida. Desde seu nascimento, a mãe de família alimenta o bebê. Mais tarde, ela se sente responsável, juntamente com o pai, pela alimentação de toda a família. À mesa há sempre quem organiza ou quem preparou a refeição para dar de comer. Quando um necessitado bate à nossa porta, nossa primeira preocupação é de lhe dar de comer e de beber, de cuidar dele apressadamente. É um dever radical, do qual não podemos fugir, se queremos, ainda que pouco, servir nosso irmão ou ajudá-lo a viver. Há na necessidade de alimentação e na partilha familiar ou amical da refeição algo que pertence à nossa condição humana, da maneira mais radical.

Assim não é espantoso que Jesus, que partilhou refeições com os discípulos por um longo tempo, que conhece nossa necessidade de comer e beber, e também nossa necessidade de partilhar as refeições, tenha escolhido a ocasião de uma refeição para tornar presente para os discípulos sua vontade de fazê-los viver; e de fazê-los viver de maneira definitiva, de lhes comunicar a vida eterna, isto é, a libertação de seus pecados e a partilha da vida divina. Ele escolheu uma imagem bem forte: a da vida que recebemos em nossa criação, para nos conduzir à vida eterna.

A refeição da Ceia é a última que ele partilha com seus discípulos, e quer ali fazer uma ceia pascal, uma refeição capaz de nos fazer passar com ele para Deus. Por essa refeição, ele se compromete até a morte e a ressurreição para nos dar a vida eterna. É assim que a Eucaristia se torna sacramento e passa pela ritualidade de refeição, para simbolizar nossa admissão à refeição eterna da vida gloriosa. É um sacrifício em sua realidade mais profunda, e se apresenta como

uma refeição em sua modalidade concreta, da mesma forma que a representação da alimentação em uma festa continua a apresentar o que será a vida eterna. A Eucaristia é o único sacrifício do Cristo oferecido sobre a cruz, e toma sobre si a forma sacramental, para poder tornar-se contemporânea de todos os tempos.

Se a refeição alegre pode tornar-se uma festa, ela tem também um aspecto doloroso pelo trabalho que exige, não apenas em sua preparação imediata, mas também pela necessidade de ganhar o pão com o suor do rosto. Para Jesus, ele se tornará o trabalho particularmente pesado, que o impulsiona a se dar em alimento e que o conduz à morte, depois dos sofrimentos de sua paixão, para nos permitir de participar de sua refeição eterna.

Jesus, o pão de nossa comida e o vinho de nossa bebida

É por isso que Jesus quis ir além da simbólica da refeição. Ele é não apenas participante e mestre da refeição, já que recebe à sua mesa, mas ele ousa dizer que é também o alimento e a bebida. A simbologia da partilha vai até o fim de si mesma. Não se trata mais de partilhar o que é necessário para viver, mas sim de se dar a si mesmo como comida e de se deixar “digerir” espiritualmente pelo mestre da refeição, a fim de comungar com sua vida, com a vida do Reino eterno. “Isto é meu corpo entregue, isto é meu sangue derramado”, isto é, que me tornam presente no momento mesmo do cumprimento de meu sacrifício e de minha passagem à ressurreição. Não temos de nos perguntar logo sobre como acontece isso, como se a Eucaristia pudesse entrar na rede de explicações de